

COMO VAI A PEDIATRIA E COMO VÃO OS PEDIATRAS

NOTÍCIAS

O número de candidaturas às «Bolsas de Investigação Bial» ultrapassou este ano largamente o de anos anteriores, confirmando o grande interesse que têm provocado nos meios científicos especializados.

A Fundação Bial, instituição de utilidade pública, lançou em 1994 um sistema de bolsas de investigação científica destinadas a incentivar o estudo neurofisiológico e mental do homem, despertando o interesse dos investigadores das áreas da Psicofisiologia e da Parapsicologia.

Realizada de dois em dois anos esta iniciativa já vai na sua terceira edição, tendo sido recebidas em cada uma das edições anteriores cerca de quarenta projectos, dos quais vieram a ser seleccionados e apoiados dez projectos em 1994 e dezoito em 1996.

Na actual edição candidataram-se setenta e três projectos, envolvendo o total de duzentos e vinte e seis investigadores de treze países diferentes, desde os Estados Unidos até à Austrália, passando pela quase totalidade dos países europeus. As vinte e cinco candidaturas apresentadas por investigadores portugueses são oriundas das Universidades de Lisboa, do Porto e do Minho.

Os projectos estão agora a ser analisados pelos membros do Conselho Científico da Fundação, a fim de seleccionarem aqueles que beneficiarão das bolsas, cujo valor monetário poderá atingir dez mil contos cada, a serem utilizados no decurso dos projectos, os quais estão previstos para durarem na generalidade entre dois a três anos. A decisão é aguardada para final de Outubro p.f..

Contacto: Carmo Campello
Gabinete de Relações Públicas
Laboratórios Bial

Realizou-se, nos dias 26 e 27 de Junho, em Lausanne, o **Simpósio Internacional de Nefrologia Peri-Natal**, organizado pelo Professor Jean Pierre Guignard. Na Sessão de Abertura do referido Simpósio, o Prof. Guignard acompanhou o seu discurso com a projecção de uma fotografia do Professor Torrado, afirmando que todo o Simpósio lhe seria dedicado e homenageando as muitas qualidades e o contributo ímpar do Prof. Torrado para o conhecimento que hoje temos da Nefrologia do recém-nascido.

Decorreu de 11 a 14 de Julho de 1998, na Feira Internacional de Lisboa, o «**V Congresso Português de Pediatria**», organizado pela Sociedade Portuguesa de Pediatria, e com a colaboração de várias Sociedades de Pediatria Espanholas.

A Sessão de Abertura contou com as honrosas presenças de Sua Ex.^a o Presidente da Assembleia da República e Sua Ex.^a D.^a Maria José Rita, em representação de Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República e de Sua Ex.^a a Ministra da Saúde.

Decorreu ainda a Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Pediatria, na qual foi aprovada uma moção a entregar a Sua Ex.^a a Ministra da Saúde, alertando para a grave situação da assistência pediátrica no nosso país, nomeadamente quanto à situação de ruptura iminente dos serviços de urgência, concomitante com uma insuficiente renovação dos quadros médicos pediátricos.

Seguidamente apresentam-se as palavras proferidas, na Sessão de Abertura, pelas referidas personalidades e pelo Dr. António Marques Valido.

- Senhora Representante de Sua Excelência o Presidente da República; Marta Rita
- Senhora Ministra da Saúde; Maria de Belém
- Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria;
- Senhor Presidente da Sociedade Espanhola de Pediatria;
- Senhor Prof. Carmona da Mota;
- Senhor Prof. Eduardo Bell;
- Ilustres Participantes;
- Minhas Senhoras e Meus Senhores:

I. Muito obrigado aos ilustres organizadores deste Congresso por terem desejado a minha presença neste vosso tão importante encontro de reflexão e de trabalho.

Não sei se tivestes consciência do risco assumido ao propordes que usasse da palavra quem, sobre o tema vertente, tem de confessar a mais espessa ignorância.

É que fui criança há tantos anos que os dados da experiência de o ter sido quase inteiramente me escapam. Fui, além disso, uma criança muito amada e feliz, e a felicidade não é tão impressiva como o sofrimento.

Pergunto-me porque tenho eu a impressão de que, a minha experiência de criança, e até de pai, teve lugar, não neste mundo, mas noutro.

Da infância lembro seguramente que o grande genérico para preservar a saúde das crianças, eram a solicitude e o amor dos pais. Creio que continua a ser assim. Os específicos, esses, sobretudo na aldeia então remota em que fui menino, eram as papas de linhaça, as ventosas, e o chá de tília e a flor de sabugueiro.

Ouvi meu pai contar muitas vezes esta história a meu respeito: tinha eu um anito, se tanto, quando fui visitado por uma bronco-pneumonia. A intenção da malvada era que eu não vingasse. Chamado o facultativo, chegou de macho muitas horas depois. As bastantes para que, atento o febrão, a respiração débil, e o mais que constatou, ter tido a franqueza de desenganar meus pais.

– O pequeno está mal. Não passa desta noite.

E abalou.

O meu pai é que não esteve pelos ajustes. E toda a santa noite, num quase delírio de esperança, me aplicou ventosas. O corpo ficou assado. Mas a morte foi vencida. Pela manhã, o meu olhito voltou a luzir. Tínhamos homem! E, pela amostra que aqui vêem, é inequívoco que tivemos.

Quando espiguei e fui para Coimbra, sempre vinha as férias. E dei em achar que o coveiro da minha aldeia era um verdadeiro filósofo. Dele se dizia que, quando se postava na ponte romana, virado para montante do rio, era certo e sabido que não tardava que das aldeias da serra descesse mais um caixão a pedir enterro.

Mais tarde foi ficando velho e queixoso, talvez por ter perdido essa faculdade premonitória. Eu adorava ouvi-lo. E provocava as suas saborosas filosofices.

- Que tal vai a vida - começava eu?
- Uma seca! - respondia mal humorado.
- Mas porquê? Não tem chovido?

Não era isso. A seca era outra: os enterros eram cada vez mais raros. Não lhe davam trabalho e os proventos eram cada vez mais curtos.

- Morre-se menos, é? - perguntava.
- Ora! Desde que veio para aí o posto médico é rara a criança que morre! E os velhos, se o inverno os não rapa, mal chega o tempo das cerejas, resistem como nunca se viu!
- E isso não é bom?
- Que bom que nada! A gente anda neste mundo é para morrer. Qualquer dia, quem morre, e de fome, sou eu!

Não de fome - que o posto médico não o despediu com justa causa - mas de velho, morreu o aliás bondoso coeiro.

Estas breves referências à vida nas aldeias da minha infância, servem para documentar o caminho andado. Era o tempo em que se combatia a debilidade dos recém-nascidos com sopas de cavalo cansado: pão embebido em vinho, como se sabe. Em que os partos eram feitos pela graça de deus, quando não era o barbeiro avençado a alqueires de milho que trazia para o mundo, a golpes de audácia o nascituro. Para o carbúnculo, o ferro em brasa. Para as doenças mentais, um bom exorcismo tirado do livro de S. Cipriano. Para as maleitas sem cura, a fé em Deus.

Entretanto, tudo mudou. Já antes da guerra, mas sobretudo depois dela. Chegaram a estrada, o telefone, mais tarde o rádio a transmitir ruídos. Enfim o posto médico, de que se queixava o bom coeiro.

A mortalidade infantil foi drasticamente reduzida. As ciências médica e cirúrgica progrediram prodigiosamente. A farmacologia empacotou em pílulas a flor de tília e de sabugueiro. As papas de linhaça cederam o passo às sulfamidas, às vitaminas e às vacinas. Estas e os antibióticos. Irromperam os transplantes. Está aí, impante e irresistível, indiferente a reservas éticas, a engenharia genética. Em cada dia que passa, um novo segredo da vida é desvendado. O ignoto, capital do divino, vai-se gastando.

Dito isto, podem os meus amigos avaliar com que prazer participo no Congresso de um tão ilustre grupo de cientistas, pedagogos, médicos e profissionais da pediatria, para discutirem, não apenas os prodígios havidos, mas os prodígios a haver. Para que a mortalidade infantil possa ser progressivamente mais reduzida, a formação e a saúde da criança, cada vez mais precocemente diagnosticadas, e cada vez mais eficazmente prevenidas e preservadas.

Continua a muitos títulos a ser verdade que a saúde física e mental da criança condiciona a saúde física e mental do adulto. A árvore está na semente.

2. Mas - hellas! - o progresso da ciência não é tudo. É apenas a face maravilhosa de uma civilização, um tempo e um Mundo que parecem apostados em resolver problemas, criando outros. Ao diminuir a mortalidade infantil, e ao prolongar a esperança de vida, a ciência médica e cirúrgica - a pediatria e as especialidades irmãs - exponenciaram a população do Mundo. Menos de dois mil milhões no meu tempo de menino, aproximamo-nos agora dos seis mil milhões, ao ritmo delirante de mil milhões por década e cem milhões por ano. Em cada ano, pois, a população somada da França, da Alemanha e da Suíça. Daqui a vinte anos apenas, seremos oito mil milhões. Mas vinte vezes a população da França, da Alemanha e da Suíça! Dá para dormir descansado?

Será que não passo de um pessimista idiota, ou optimista idiota é quem se não preocupa e vive o dia a dia do seu conforto televisivo, da sua fé em Deus ou na ciência, como se Deus já tivesse dado algum

sinal de preocupação, e a ciência não estivesse na origem de tão justificadas apreensões sem resposta?

Não falta quem me objecte: ainda cabemos no nosso habitáculo comum; a riqueza das nações nunca foi tão grande; ainda há alimento para todas as bocas; a ciência acabará por dar a sua resposta; continua a ser infinita a capacidade de regeneração da Terra e de redenção do Homem.

Cabemos: mas por que preço e durante quanto tempo?

A riqueza chega. Por nosso mal, só estatisticamente chega. Quem a distribuíra? Porquê tanta fome?

As respostas da ciência: se as tem, porque por tanto tempo não-las recusa, sabendo que estamos no limite da nossa capacidade de recuperação?

É ilimitada a capacidade de regeneração do ambiente? Já ultrapassámos alguns limites, e abeiramo-nos de ultrapassar muitos outros. Estamos à espera de quê?

A fé no Homem: quem criou as situações que nos preocupam? Os lírios? Apesar de tudo, é ainda aí que eu vou buscar alento para continuar a ter esperança. Houve Cristo, o maior subversor dos valores e das realidades do seu tempo. Houve Renascenças. Houve a Revolução Francesa. Houve o Maio de 68. Porque não outros?

Fica só um contratempo: porque não ontem? Porque não já?

É que a esperança possível - à qual me esforço por permanecer fiel - não impede que à maior riqueza de sempre corresponda também a maior pobreza! Não impede que, pela primeira vez na história da humanidade, um em cada cinco homens - a caminho de mais! - tenha fome, seja analfabeto ou não tenha emprego! Que, apesar dos progressos até há pouco inimagináveis da pediatria e da puericultura; nos aproximemos da estatística negra de vinte milhões de crianças que morrem anualmente vítimas de doenças hoje facilmente tratáveis. Que seja abissalmente maior do que nunca, em todo o Mundo, e não apenas nos países subdesenvolvidos, o número de crianças em risco. Que cerca de um bilião de crianças - e não apenas do 3.º Mundo, mas também do 4.º que rodeia as grandes urbes do 1.º - viva hoje em condições sub-humanas. Que, apesar dos progressos científicos no domínio da agricultura, da pecuária e das pescas, e por causa deles, um número estatisticamente inapreensível de crianças beba hoje leite com DDT, coma peixe com mercúrio, carne com hormonas, fruta com pesticidas, e respire ar impregnado de monóxido de carbono. Que, pese aos progressos maravilhosos das técnicas do transporte de informações e de imagens à distância, as crianças recebam desde a mais tenra idade mensagens - directas ou subliminares - de violência, destruição da natureza, competição, consumismo, sensacionalismo, portnografia, egoísmo e indiferença ética, nomeadamente através das quatro a cinco mil horas de televisão com que entram na escola. Que, depois disso, a TV continue a competir com a escola até ao fim da escolaridade, sendo que, depois disso, fica só no terreno, como escola única até ao fim da vida, a competir apenas consigo mesma, segundo uma lógica de mercado e de lucro que a impele a deseducar e a deformar, quando, se a lógica fora outra, poderia constituir a mais fabulosa escola de cidadania desde o berço até à cova.

Isto por um lado. Por outro, as novas tecnologias, ao desintegrarem a família - tradicional primeira escola, com o relevo que lhe reconhece, sobretudo na primeira infância, a ciência pediátrica - ao competirem com a escola, desvalorizando-a e neutralizando-a; ao rarefazerem o mundo rural; e ao concentrarem a vida social nos cortiços desumanizados em que se converteram as cidades, fez ruir os pilares dos equilíbrios éticos do passado. Entronizou-se assim uma aparentemente incontornável crise de valores e puseram-se em causa, não apenas os valores do passado - os bons e os maus - mas tudo o que existia em função desses valores: o próprio papel dos pais na

infância dos filhos, o papel da escola, o papel das autoridades religiosas, o papel das comunidades sociais.

Para começar a vida moderna tirou as mães de casa, substituindo-as por «baby-sitters», «family day cares», creches, infantários, mil maneiras de só ter mãe – que com o pai já era um pouco assim – a intervalos cada vez mais curtos, cada vez mais raros, cada vez mais disputados pelos atractivos lúdicos da vida moderna.

Bem pregam os pediatras de todo o mundo – nisso unidos – que durante a primeira infância é primordial o exemplo e o amor dos pais. Mas o exemplo de alguém sempre a olhar para o relógio; sempre a correr a caminho do primeiro transporte, ou vidrado na televisão; fatigado e impaciente para tudo o mais, e progressivamente desqui-tado de referências éticas, não é flor que se cheire. E o amor sem tempo corre o risco de parecer que não existe, quando existe.

Depois, há o desemprego endémico, sem solução global, cada vez mais inseguro, cada vez mais escasso. E há o cortejo das consequência fatais do vazio do espírito. O cidadão de hoje é cada vez mais um ser comunitariamente desenquadrado e inseguro, responsável único por si mesmo, vergado ao peso da correspondente responsabilidade. Nada disso dá saúde ao matrimónio ou favorece sequer o acasalamento. À paternidade e à maternidade conscientes, que as Declarações Universais erigem em novo «sacramento», faltam suportes valorativos, cívicos e sociais. Falta a maré que faz bom o marinho.

Criou-se assim um caldo universal de comportamento e de cultura que é prisioneiro de uma política demográfica que, quando não é inexistente, é ineficaz. Com a agravante de que, as causas económicas, culturais e sociais da sua persistência, actuam reprodutivamente sobre si mesmas a partir do seu próprio resultado. Dito de outro modo: quanta mais população, mais incultura e mais miséria; quantas mais incultura e miséria, mais população.

Como sair deste impasse? Custa-me aceitar que estejamos definitivamente prisioneiros, até um qualquer desfecho catastrófico, da nossa incapacidade de mudar. De mudar de modelo económico. De mudar de respostas institucionais. De mudar de política social. De mudar de filosofia de vida. De do velho fazer novo, ou do mesmo fazer outro.

Talvez que a evolução, ou se necessário a revolução – no bom sentido – se antecipem à catástrofe. É tudo uma questão de grau de sofrimento.

3. Tem sido alguma coisa a ver com as específicas preocupações que aqui vos reúnem?

Tendo a pensar que sim.

É que eu tenho o máximo apreço pela vossa sabedoria e o vosso trabalho. As crianças não são apenas «o melhor do Mundo». São o cidadão de amanhã. São o Mundo de amanhã. É nelas, e através delas, que o futuro se desenha e se constrói. É em função desse futuro, e da nossa responsabilidade pela sua construção, que se mede o nosso amor e o nosso respeito por elas.

Desiludamo-nos: é esse, não os beijei ou o mimo que lhes damos, a verdadeira medida-padrão da nossa solicitude e do nosso amor. E eu receio – muito sinceramente – que os pediatras se aproximem do ínfimo limiar da mortalidade infantil; que se aproximem da cura de todas as doenças infantis; que saibam ensinar aos pais a ser pais; aos puericultores a ser puericultores; e até aos professores a ser professores, embora isso ultrapasse o âmbito das vossas mais directas preocupações. É que nada disso sirva para compensar os factores impeditivos de um futuro demograficamente controlado, ecologicamente sustentado, politicamente estável, economicamente desenvolvido, socialmente justo, humanamente bom.

A vossa ciência é hoje um mundo de maravilhosos saberes. Apesar de deles eu só conhecer uma parte infinitesimal, li, como todo o pai e avô responsável, a bíblia do Dr. Benjamim Spock. Apesar de já ultrapassada, ao que julgo saber, está nela mais do que o essencial de uma paternidade consciente. Que distância das ventosas que me salvaram! Mas que distância também da saudável fruta bichada, dos rios com trutas, do ar com oxigénio, e até – perdoem a heresia! – da assepsia só relativa que nos vacinava contra as alergias da moda! Não é que eu queira de novo as moscas sobre o pão! Tanto quanto pretendo, é o regresso possível à natureza, o regresso compatível com as vossas salvíficas prevenções. Tanto quanto quero é o regresso possível aos valores. Não necessariamente os mesmos nem necessariamente outros.

Mas valores, já que ninguém me convence de que seja possível a vida sem eles.

Tanto quanto quero é que se ponha termo ao crescimento pelo crescimento, ao consumo pelo consumo, ao delírio de afrontar limites que, se não respeitados, acabarão por travar o que não travamos, destruindo-nos talvez. Que se distribua com equidade por todos a riqueza que é de todos: países, regiões, indivíduos.

Que se preservem a natureza e os seus equilíbrios, tanto quanto cada um preserva a sua casa.

Que se ponha termo ao egoísmo das gerações do presente em relação às gerações do futuro. Que os avanços da pediatria – a bem das crianças – não morram às mãos dos recuos ou no mínimo das desadaptações e dos atrasos das instituições, dos modelos, das convicções e dos comportamentos – em prejuízo dos cidadãos que hão-de ser.

4. No tema que vos propusestes há perguntas à espera de respostas: «O que podem os cidadãos de uma democracia esperar do Serviço Nacional de Saúde e das políticas oficiais? E as crianças?»

A resposta oficial está na Constituição: «Todos – logo também as crianças – têm direito à protecção da saúde». E esse objectivo deve ser atingido através de um Serviço Nacional de Saúde Universal, geral e tendencialmente gratuito, e da «criação de condições económicas, sociais, culturais e ambientais que garantam, designadamente, a protecção da infância, da juventude e da velhice, e pela melhoria sistemática das condições de vida e de trabalho, bem como pela promoção da cultura física e desportiva, escolar e popular, e ainda pelo desenvolvimento da educação sanitária do povo e de práticas de vida saudável».

Como se vê, um belo programa de Governo. As constituições não devem ser programáticas mas, em aspectos tão importantes como a saúde pública, convém que o sejam.

Infelizmente, deste programa, muito continua por realizar. Desde logo a universalidade e a gratuidade do Serviço Nacional de Saúde. São apenas metas. Mas é importante que existam.

E também, se não sobretudo, as condições sociais, culturais, ambientais, etc, que são pressuposto iniludível do acesso à saúde.

Tem-se feito caminho. Mas, como diria o divino Eça, «longas são as estradas da Galileia e curta a piedade dos homens».

Enquanto o egoísmo, a agressividade, o espírito de competição e de lucro continuarem a ser os sentimentos mais fortemente socializados, ao invés de o ser a riqueza das nações, bem prega Frei Tomás, ou sejam as constituições, que o homem continuará a ser o maior inimigo de si próprio. Infelizmente, não apenas enquanto adulto.

5. Tanto quanto quis foi realçar o significado deste vosso encontro e felicitar-me por ele.

Desejo-vos bom trabalho e boas conclusões.

Muito obrigado pela vossa atenção e pela vossa paciência. A ignorância continua atrevida.

Almeida Santos

* * *

- Senhor Presidente da Assembleia da República,
- Senhora Ministra da Saúde,
- Senhor Bastonário da Ordem dos Médicos,
- Senhor Presidente do Congresso,
- Minhas Senhoras,
- Meus Senhores,

Cumpre-me, antes do mais, o grato dever de saudar a realização deste V Congresso Português de Pediatria, cuja dimensão e importância merecem ser distinguidas, felicitando vivamente a Sociedade Portuguesa de Pediatria pela sua promoção e organização.

A multiplicidade de temas que se propõe discutir, a pluralidade de reuniões em que se desdobra e a qualidade dos participantes constituem o penhor seguro de que os objectivos que este Congresso se propôs prosseguir serão, certamente, cumpridos.

Quero destacar, com particular ênfase, a multidisciplinaridade que caracteriza o seu Programa, reflectida quer nas matérias em debate, quer na composição dos sucessivos painéis, integrados não só por médicos pediatras, mas também por profissionais de outros saberes.

É minha convicção profunda que a trilogia criança/saúde/comunidade impõe esta abordagem multidisciplinar, associada a um grande esforço no sentido de actuações coordenadas e integradas.

Na verdade, só a partilha de saberes e práticas inspiradas em quadros disciplinares diversos nos poderá conduzir a uma abordagem realista dos problemas sociais do nosso tempo. O isolamento em rotinas intelectuais e profissionais demasiado respeitadoras das fronteiras disciplinares nunca compensa, quando o que importa é esclarecer as causas e preparar as soluções para minorar o sofrimento dos mais desprotegidos.

Penso que a época das equipas fechadas, das equipas de «trabalho limpo» acabou. Hoje há que «sujar» as mãos, isto é, saltar para o terreno e trabalhar com os outros.

Talvez seja razoável habituarmo-nos a pensar que a resolução dos problemas da saúde, nomeadamente da saúde infantil, passa, em boa medida, pelo «exterior» do sistema de saúde e, seguramente, pelo «exterior» do Hospital.

Não se está sugerindo que o Estado se demita das suas funções, abandonando o Serviço Nacional de Saúde à sua sorte, isto é, à gestão em condições reconhecidamente difíceis dos seus problemas quotidianos.

Está-se sugerindo, isso sim, que o combate em defesa da saúde, particularmente dos mais desprotegidos, deve ser travado em múltiplas frentes.

Na família, que continua a ser o principal meio emocional em que crescemos e nos formamos, sendo, por isso mesmo, a célula base de um desenvolvimento social equilibrado, e que reclama a concretização de uma efectiva política familiar, feita de políticas sociais que proporcionem a todas, repito a todas as famílias, as condições de base para poderem realizar uma das suas tarefas fundamentais – o bem estar físico e psicológico dos seus membros.

No bairro, envolvendo técnicos, autarcas e os próprios residentes em diagnósticos rigorosos sobre o estado de saúde das populações e em acções de formação para a promoção da saúde e da qualidade de vida.

Na escola, procurando levar a cabo programas, consistentes e persistentes, de prevenção e despistagem de doenças e educando crianças e jovens para uma vida saudável.

Nas associações, discutindo e ministrando pequenos cursos relacionados com as questões de saúde.

Nos meios de comunicação social, trazendo a primeiro plano, e de forma sugestiva, o tipo de riscos que os diferentes grupos sociais defrontam em matéria de incidência de doenças.

É um trabalho para que terão que ser motivados e mobilizados técnicos das mais diversas proveniências, que exige o envolvimento activo das populações a que se dirige e que deve apelar também à participação de equipas devidamente preparadas de voluntários.

É assim que os programas, as acções, as parcerias, os compromissos se ampliam e se cumprem.

M.^a José Ritta

* * *

Exma. Senhora Dona Maria José Ritta, Digma. Representante de S. Exa. o Presidente da República

Exmo. Sr. Dr. Almeida Santos – Digma. Presidente da Assembleia da República

Exma. Sra. Dra. Maria Belém Roseira – Digma. Ministra da Saúde
Exmo. Sr. Professor Carlos Ribeiro – Digma. Bastonário da Ordem dos Médicos

Exmo. Sr. Dr. José del Pozo Machuca – Digma. Presidente da Sociedade Espanhola de Pediatria Extra Hospitalar

Exmo. Sr. Professor Edward Bell – Digma. Professor de Pediatria da Universidade de Iowa dos Estados Unidos da América

Caros Colegas e Amigos,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Sejam Bem-vindos ao V Congresso de Pediatria.

Em nome da Direcção da Sociedade Portuguesa de Pediatria queremos cumprimentar e agradecer a presença das individualidades que compõem a Mesa, cujas presenças muito honram e prestigiam a Pediatria, os Pediatras portugueses e o V Congresso.

A presença de V. Exa., Dona Maria José Ritta, em representação de S. Exa. o Presidente da República é interpretada por nós como sinal de interesse e carinho pelas crianças do nosso País e também pelos problemas inerentes à assistência pediátrica.

Queremos lamentar que na mesa não possa estar o Decano dos Professores de Pediatria e simultaneamente dos Directores de Serviço do nosso País, o Professor Norberto Teixeira Santos, da Faculdade de Medicina do Porto e do Departamento de Pediatria do Hospital de São João, por grave problema de saúde e a quem muito deve a Pediatria Portuguesa.

Daqui lhe endereçamos os nossos votos de restabelecimento, estando convictos de que, como um lutador inato que é, deverá ser capaz de ultrapassar a grave situação clínica em que se encontra.

O Professor Norberto teve a amabilidade de nos enviar uma carta pessoal explicando as razões da sua ausência e uma carta enviada à Presidente da Mesa, Da. Maria José Ritta.

Independentemente deste Congresso que se realiza trienalmente e que representa a festa de confraternização dos pediatras portugueses este é ainda um ano festivo para a Sociedade.

Com efeito, 1998 é o ano comemorativo dos 50 anos da fundação da Sociedade Portuguesa de Pediatria e curiosamente também o sexagésimo aniversário da criação da revista da sociedade, a Acta Pediátrica Portuguesa, anteriormente Revista Portuguesa de Pediatria, fundada como a Sociedade pelo Professor Carlos Salazar de Sousa.

Actualmente a Sociedade tem Secções de sub-especialidades ou competências pediátricas em Cardiologia, Endocrinologia, Gastro-Enterologia e Nutrição, Hematologia e Oncologia, Imuno-Alergologia, Nefrologia, Pediatria do Desenvolvimento, Neonatologia, Pneumolo-

gia, Pediatria Social e Comunitária e Educação Pediátrica e Cuidados Intensivos.

Anteriormente foi secção a Pediatria Cirúrgica, hoje Sociedade autónoma, com a qual mantemos excelentes relações, e em breve, assim o esperamos, novas secções de pediatria ambulatória, Neuro-Pediatria e Doenças Infecto-Contagiosas e Adolescência.

Todas as Secções existentes têm as suas reuniões próprias, com temas específicos das suas especialidades. Foi a criação das secções, efectuada há quinze anos, quando o I Congresso Português, pelo saudoso Dr. Marques Pinto, que muito contribui para o desenvolvimento, progresso e actualização dos nossos pediatras nas referidas áreas específicas.

Neste contexto a Direcção da Sociedade decidiu privilegiar no programa científico do Congresso as áreas ligadas fundamentalmente à Pediatria Ambulatória com a colaboração das Secções dos temas tratados e a participação dos melhores prelectores nacionais.

Outra das razões dessa escolha foi por neste programa fazerem ainda parte o I Congresso Espanhol de Pediatria Ambulatória e as reuniões com as Sociedades Espanholas da Galiza, Cantábria, Castela, Astúrias e León, Anadaluzia Ocidental e Extremadura, Madrid Castela La Mancha e Canárias.

A Comissão Científica privilegiou os problemas sociais como a Bioética, a Humanização e os Emergentes da Tóxico-Dependência da Sida, da Adopção, da Protecção à Maternidade e a Paternidade, os Maus Tratos, a Prostituição Juvenil, as Minorias Éticas e outros que serão objecto de discussão em plenários e mesas redondas e ainda os temas de Acidentes e Intoxicações que ocupam hoje um triste destaque na morbidade e mortalidade infantis.

Durante muitos anos nós e os nossos Colegas espanhóis estivemos reciprocamente de costas viradas e, neste triénio na política de contactos internacionais traçados pela Direcção conseguiu-se, com a preciosa colaboração do nosso amigo Dr. José del Pozo Machuca, com quem tivemos o privilégio de colaborar na Revista da Formação Contínua da Sociedade Espanhola de Pediatria Extra-Hospitalar, Pediatria Integral, reatar umas e iniciar outras reuniões científicas, quase que podemos dizer o I Congresso Luso-Espanhol de Pediatria.

Por tudo isto o nosso muito obrigado não só ao Dr. José del Pozo Machuca, mas também à colaboração desinteressada de outro amigo, Dr. Javier Moran, que foi o nosso guia no país vizinho e que muito contribuiu para o bom sucesso desta organização.

Aos Presidentes de outras sociedades irmãs espanholas, intervenientes neste Congresso, os Drs. Amado Zurita, Carlos Marina, Jesus Sanchez Martin, José Gonzalez Hachero e José Maria Martinon Sanchez e aos colegas espanhóis que nos honram com a sua presença quer como prelectores quer como participantes o nosso agradecimento pela sua valiosa colaboração.

Aos nossos colegas de outros países amigos que acederam a deslocar-se a Lisboa e que estão aqui representados pelo nosso particular amigo, o Prof. Edward Bell e Iowa e cujas competências e prestígio são reconhecidos internacionalmente, procuraremos retribuir com a nossa tradicional hospitalidade a honra que nos deram em estar presentes no V Congresso Português.

Independente do Congresso que esperamos possa vir a ser do agrado da maioria e que possa ajudar a contribuir para uma melhor preparação dos congressistas e da assistência às nossas crianças e jovens, não podemos deixar de referir a angústia que a Direcção da Sociedade Portuguesa de Pediatria e, de um modo geral, os pediatras sentem em relação ao futuro da Pediatria no nosso País.

Com efeito e conforme declarações nossas e de outros membros da Direcção, de declarações de membros da colévide especialidade da

Ordem dos Médicos e dos Directores de Serviço de vários hospitais, é com a maior apreensão que vemos o envelhecimento, a falta de renovação e a conseqüente redução do quadro dos pediatras portugueses, e a situação de rotura eminente da assistência pediátrica, não só nas urgências mas ainda nas consultas diferenciadas das várias sub-especialidades pediátricas dos nossos hospitais e a limitação ou total desaparecimento da assistência pediátrica nos centros de saúde.

Se é verdade que as nossas taxas de mortalidade pediátrica e neonatais têm tido uma redução espectacular nos últimos anos e os valores da cobertura vacinal são dos maiores do mundo, mesmo com um plano de vacinação obsoleto e ultrapassado não é menos verdade que a situação de assistência é grave e a não ser que se tomem medidas excepcionais, vai haver um retrocesso na actividade e na qualidade clínica pediátrica a todos os níveis.

As nossas crianças merecem melhor assistência para terem melhor saúde porque é delas e do seu futuro que vai depender o futuro do nosso País. Por isso entendemos que, mesmo havendo outras especialidades carenciadas em Portugal, mesmo considerando dificuldades orçamentais do Ministério da Saúde, mesmo considerando os problemas da assistência e das urgências dos adultos, mesmo considerando as limitações da Segurança Social, que há que manter e até melhorar a qualidade da nossa assistência.

Para esse efeito a Sociedade Portuguesa de Pediatria está disposta a colaborar com o Ministério da Saúde, reivindicando o estatuto de parceiro social para que em conjunto com outras entidades se possam propor soluções para ultrapassar esta grave crise.

E, se não é possível num futuro próximo igualaremos a Espanha na assistência dos Cuidados Primários quase que efectuada em exclusividade até aos 15 anos pelos pediatras espanhóis, estamos certos de que outras soluções será possível conseguir com medidas excepcionais do Governo, do Ministério da Saúde e da própria Assembleia da República.

A presença nesta Sessão de Abertura de S. Exa. a Senhora Ministra da Saúde é interpretada por nós e por toda a Direcção, e estou certo, por todos os pediatras portugueses, como uma verdadeira abertura aos problemas referidos.

Temos pela Senhora Ministra a maior consideração e admiração, consideramo-la uma pessoa inteligente e com boa capacidade de governação e embora saibamos que, como outros Ministros, tem também as suas limitações orçamentais, estamos crentes que conhecendo a situação para a qual tem sido sucessivamente alertada, não poderá deixar de considerar a Pediatria como a área mais prioritária do Ministério.

No âmbito desta Sessão não queremos alargar-nos mais sobre estes problemas, restando-nos lembrar e agradecer a colaboração das empresas de especialidade farmacêutica e de dietética infantil que tornaram possível a realização deste Congresso.

Uma vez mais, referimos, como noutras ocasiões o temos feito, que a actualização e a realização de reuniões científicas, participação em congressos no País e no estrangeiro só é possível pelo apoio e investimento destas empresas, muitas vezes de verdadeiro mecenato, e sem os quais nunca teria sido possível atingir a qualidade da assistência que praticamos.

Por último, e os últimos são os primeiros, como diz o ditado, um agradecimento muito especial ao Dr. Almeida Santos que com uma agenda muito sobrecarregada e fechada, nos deu a honra não só da sua presença mas ainda o privilégio da sua alocação com que se vai abrilhantar esta Sessão de Abertura.

A todos peço desculpa pelo tempo que lhes tomei e termino renovando os meus votos de bons e profícuos trabalhos e resultados científicos e sociais nosso Congresso.

Muito obrigado a todos

António M. Valido

Realizou-se, no passado dia 22 de Julho, no Porto, na Aula Magna, a conferência «**Síndrome Nefrótico na Criança**», com a participação do Prof. Bernard Gauthier, do Schneider Children's Hospital – New York, USA, organizada pela Unidade de Nefrologia – Departamento de Pediatria – Faculdade de Medicina e Hospital de S. João.

Realizou-se, nos dias 9 a 14 de Agosto, em Amesterdão, na Holanda, o **XXII Congresso Internacional de Pediatria**, organizado pela IPA (Associação Internacional de Pediatria).

Realizou-se, nos dias 31 de Agosto a 1 de Setembro, em Milão, o **European Forum on Immunization Scientific Meeting**.

O Centro de Desenvolvimento Infantil do Serviço de Pediatria do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, realizou, em Óbidos, no Auditório da Casa da Música, de 1 a 3 de Outubro de 1998, o curso teórico-prático: **O VÍDEO EM DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM VÍDEO**.

A Clínica Universitária de Pediatria do Hospital de Santa Maria realizou, em Lisboa, no Auditório da Universidade Católica, no dia 21 de Outubro de 1998, os seguintes cursos: **ASMA BRÔNQUICA, REANIMAÇÃO CARDIORESPIRATÓRIA AVANÇADA, A NEURORADIOLOGIA PEDIÁTRICA E A CLÍNICA E REABILITAÇÃO EM PEDIATRIA – DOS CONCEITOS À PRÁTICA**.